

ESCRITORES BRASILEIROS NA ALEMANHA

A revista "Humboldt", de Hamburgo, que se edita em alemão, português e espanhol, teve essa iniciativa de convidar escritores latino-americanos (vieram uns trinta) para debater com os escritores alemães problemas de cultura. Tudo certamente foi feito de acôrdo com o govêrno da Alemanha Ocidental, que nos convidou a todos os latino-americanos, depois dos "Colóquios" de Berlim, a visitar Francforte e a Baviera, onde entramos em contato com escritores, tradutores e editôres. Alguns convidados brasileiros não puderam vir, como Jorge Amado, Érico Veríssimo, Lúcia Benedetti e Augusto Meyer; vieram Guimarães Rosa e Magalhães Júnior. Os outros países da América Latina mandaram uma variedade de gente de importância literária desigual, mas com um nível bastante razoável. Os matizes políticos foram também variados, e, estivesse isso ou não na idéia de quem ideou ou apoiou êsses "Colóquios", a tendência geral foi a de evitar qualquer pronunciamento político. Parece-me que o sentido do convite de "Humboldt" foi mesmo êsse de aproximação cultural entre a Alemanha e a América Latina, política de conhecimento mútuo, que só pode trazer bons frutos. A Alemanha pós-nazista quer fazer relações e cultivar amigos também no campo cultural — o que é perfeitamente legítimo. A superioridade e isenção com que foram dirigidos os debates fazem honra à cultura alemã.

Uma coisa que me impressionou foi o interesse das editôras alemãs pela literatura brasileira — para falar do que nos interessa em particular. Tôda grande editôra

tem seu "leitor" de obras em português. Ele pega um livro, resume-o em alemão e dá sua opinião sôbre a conveniência ou não de editá-lo. Guimarães Rosa estêve sempre cercado de tradutores e editôres, que desejam lançar suas obras completas. Magalhães Júnior, cujas biografias despertam interesse, tentou em vão comprar os dois livros de sua espôsa Lúcia Benedetti editados em alemão — estão esgotados. O tradutor de "Um Encontro Marcado", de Fernando Sabino, me fêz presente do lindo volume em alemão, ainda quente do prelo. Ele hoje está em tôdas as vitrinas, e o nosso cônsul Rogério Corção está promovendo um lançamento especial em Francforte. Rogério muito ajudou o trabalho do tradutor do livro, o Sr. Curt Mayer-Clason. Êste, que trabalha para várias casas, me confessou que a editôra de Sabino, que é de orientação católica, fêz questão fechada de cortar alguns pequenos trechos do romance, considerados demasiado fortes. Ponderei que Fernando também é católico, "mas o catolicismo aqui é mais rígido", explicou-me o tradutor. Coisas de país de maioria protestante.

Uma das recomendações dos "Colóquios" foi facilitar, através da revista "Humboldt", o acesso de editôres alemães aos autores brasileiros, e vice-versa; isso pode funcionar bem na prática.

Um professor de literatura portuguesa me disse estar impressionado com um nôvo grupo de poetas lusitanos que parece ter uma influência estranha, provavelmente brasileira — mas não de Drummond ou Bandeira, de nenhum

dêsses mais conhecidos. Matei a charada fâcilmente, para grande alegria do homem — a "influência" chama-se João Cabral de Melo Neto, hoje nosso cônsul em Sevilha, e poeta intensamente lido e discutido nos meios cultos de Portugal.

Vimos em Berlim a estréia de uma peça brasileira, o "Auto da Compadecida", de Ariano Suassuna. Foi uma estranha emoção ver alemães vestidos de maneira bastante pitoresca (as calças de couro dos vaqueiros eram iguais às que se usam nos Alpes da Baviera...) vivendo aquelas ingênuas histórias de nosso Nordeste. A crítica foi boa para a peça e dura para os atôres e o diretor — o mesmo que a dirigiu na Polônia.

E, para acabar, um incidente para provar que a famosa organização alemã não é tão perfeita assim: no meio de um almôço que nos foi oferecido nos arredores de Berlim, em um esplêndido hotel que era o palácio da princesa Não-Sei-De-Quê, amante do Kaiser Não-Sei-Quantos, apareceu o Ministro da Economia da Alemanha que nos dirigiu um vibrante discurso sôbre o intercâmbio comercial entre o seu e os nossos países, falando muito do papel da técnica e do capital germânico no desenvolvimento econômico da América do Sul. Achamos aquilo meio estranho, mas foi só quando o ministro se ergueu novamente para se despedir e saiu às carreiras que nos explicaram a coisa: chegado naquele instante de Roma, o ministro tinha sido levado para o almôço errado: seu discurso deveria ser pronunciado em um almôço de homens de negócios sul-americanos, no restaurante de outro hotel...